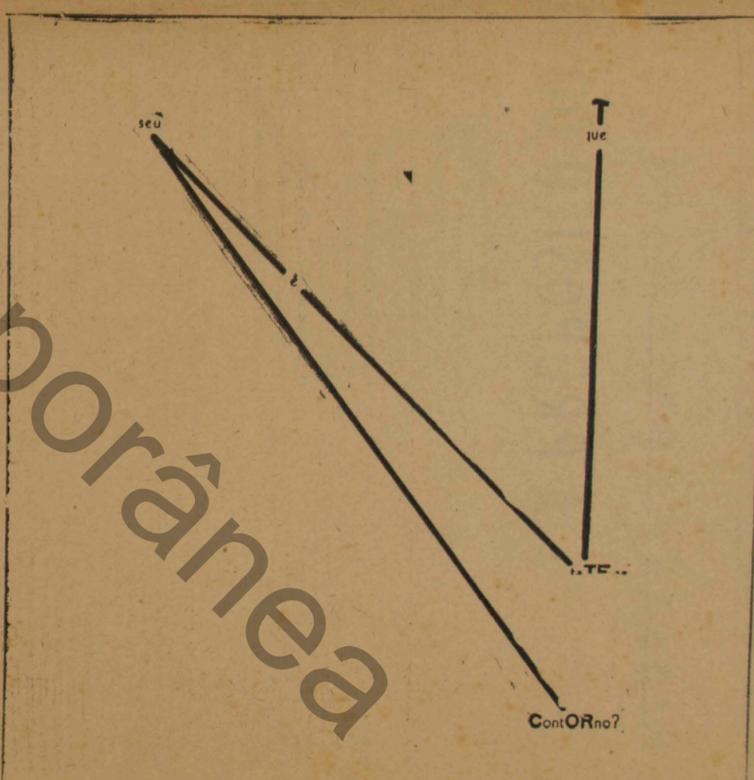
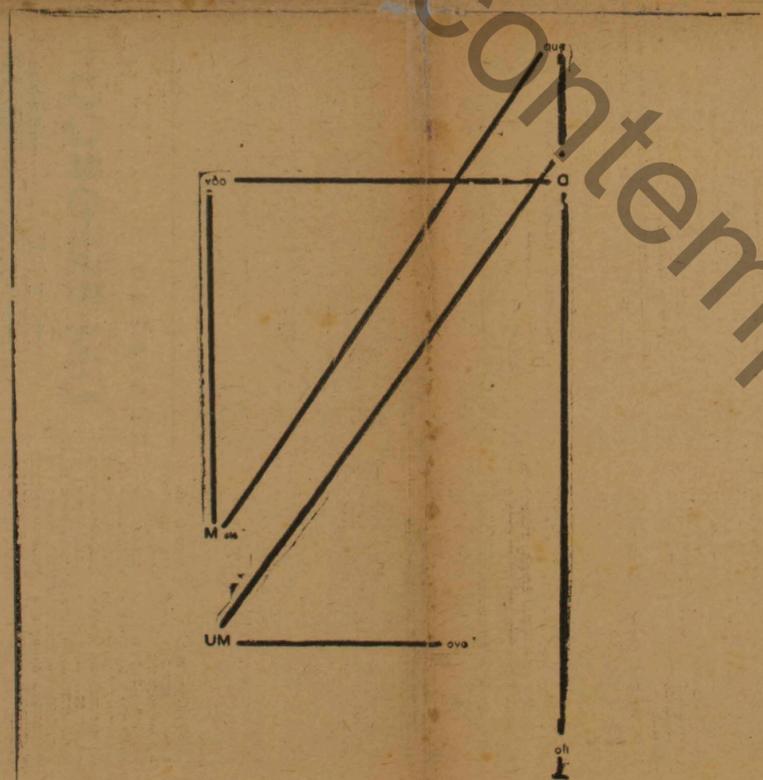
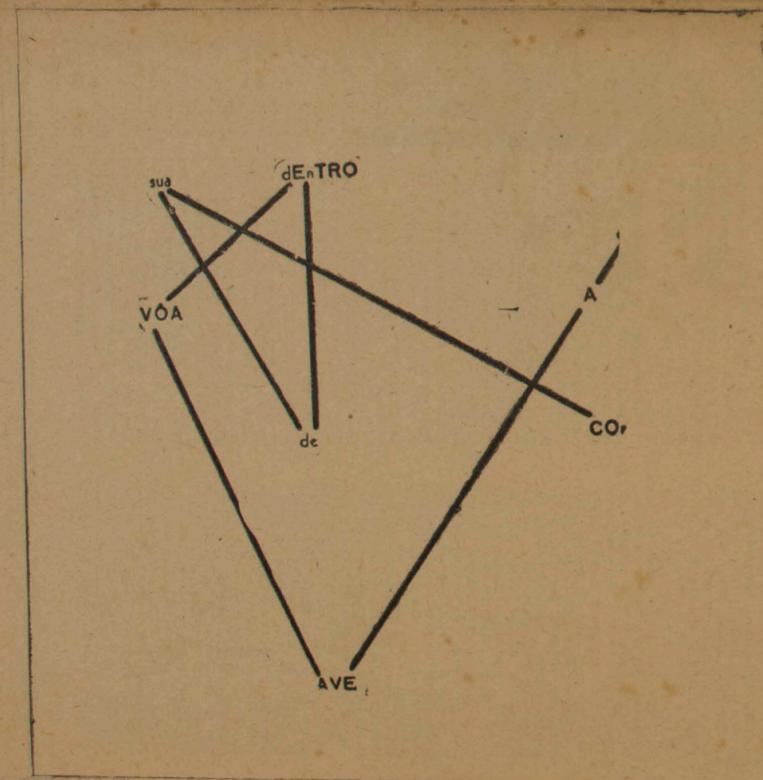
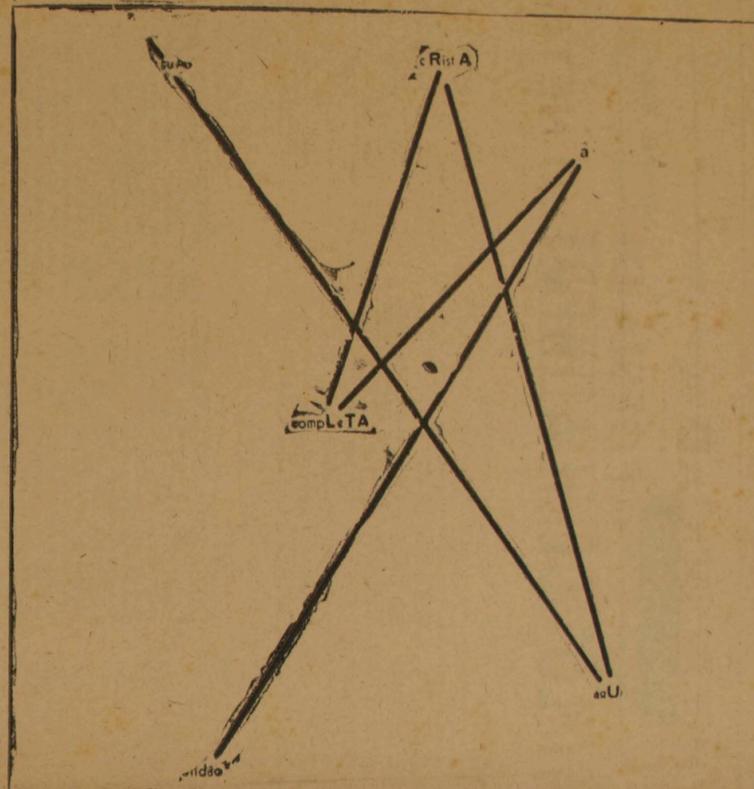
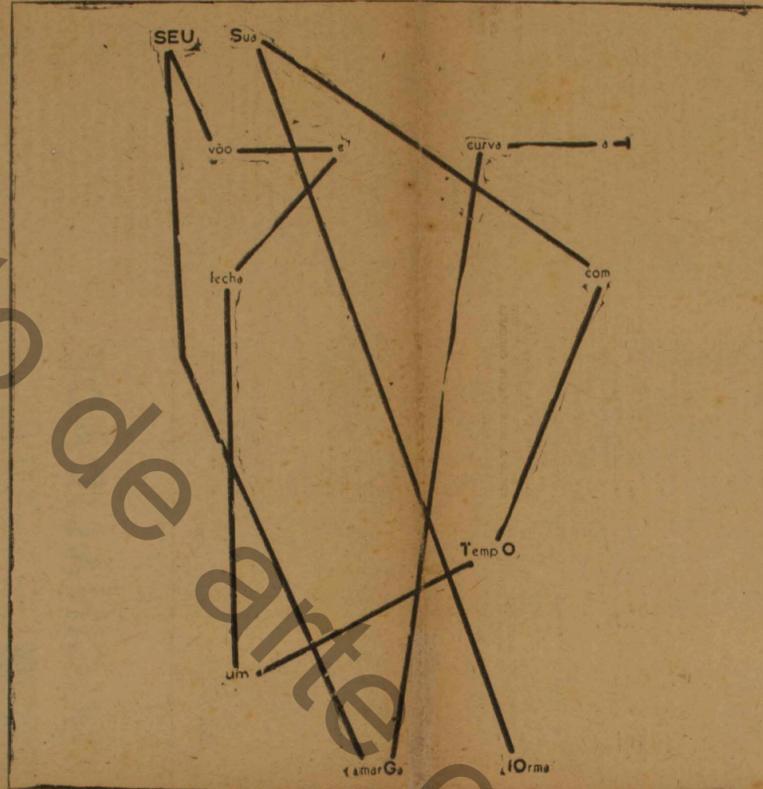
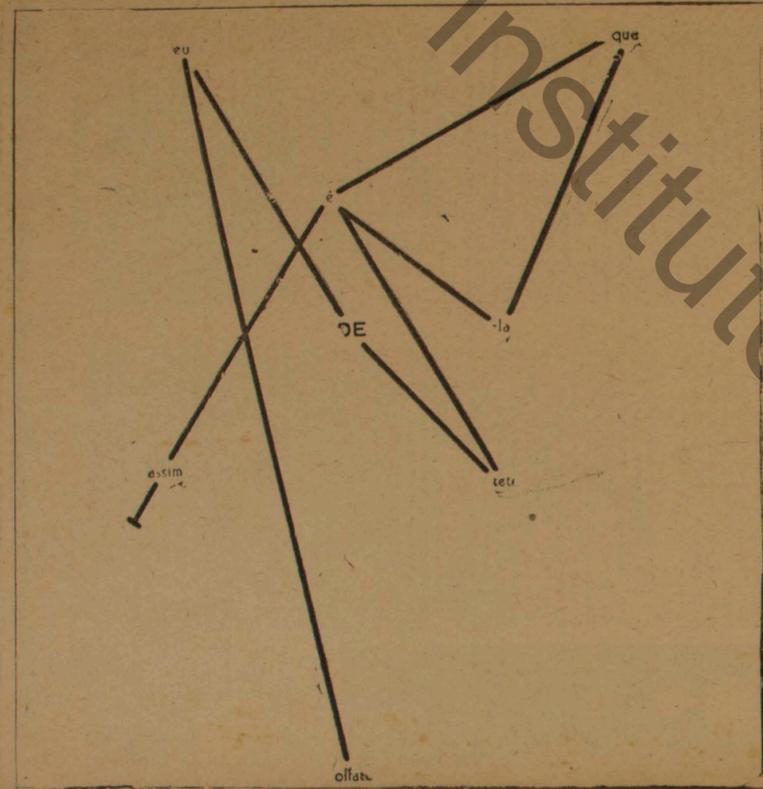


A A V E — Wladmir Dias Pino



DOMINGO, 17/2/1957

JORNAL DO BRASIL
Suplemento
Dominical

2.º CADERNO 3.ª PAGINA

instituto de arte contemporânea

MARCEL PROUST:

PROSA DE FICÇÃO

BARRETO BORGES

A PROPÓSITO DO "ESTILO" DE FLAUBERT

Ao lado dos notáveis prefácios de Henry James aos próprios romances, a presente análise estilística da obra de Flaubert constitui tentativa das mais sérias jamais empreendida em torno da fixação de alguns preceitos fundamentais da arte da ficção. Para os estudiosos do assunto é particularmente excitante a circunstância de se encontrar aqui, sobre um escritor que é a própria personificação do romance artístico num século de tantos e tão significativos romancistas, o depoimento de um dos mais insignes reconstrutores da novelística contemporânea. Proceder à anatomia sintática de uma obra como a de Flaubert e, ao contrário dos críticos de vôo curto, desdenhando ou melhor, passando ao largo de, quaisquer propósitos "gramatizantes", pesquisar uma "beleza gramatical que nada tem a ver com a correção" — além de uma façanha admirável representa um ato de fé e de esperança nas ilimitadas possibilidades do romance como veículo de expressão artística. Na presente tentativa de tradução mantivemos na língua original as citações das obras de Flaubert, sempre que isso nos pareceu necessário à compreensão dos comentários de Marcel Proust.

Li, à pressa, (o que me impede um estudo mais aprofundado) o artigo do distinguido crítico da Nouvelle Revue Française sobre "o Estilo de Flaubert". Confesso que me causou estupeção ver considerarem como ponto de partida para escrever um homem que, pelo uso inteiramente novo a pessoa que faz no passado definido, do passado indefinido, do nascimento presente, de certos pronomes e de certas preposições, renovou nossa visão das coisas quase tanto quanto Kant, com suas Categorias, as teorias do Conhecimento e da Realidade do mundo exterior. Não que eu goste, entre todos os estilos de Flaubert eu mesmo do estilo de Flaubert. Em virtude de razões demasiado longas para desenvolver aqui, acredito que somente a metáfora, pode conferir uma espécie de eternidade ao estilo, e não há talvez em todo o Flaubert uma única bela metáfora. Mais ainda, suas imagens são geralmente tão mediocres, que se quer sobrelevam as que poderiam ocorrer a seus personagens mais insipientes. Sem dúvida quando, num fragmento seguinte, Mme. Arnoux e Frédéric trocam frases tais como: "As véses suas palavras retornam a mim, como um eco longínquo, como o som de um sino trazido pelo vento... Eu tinha sempre no meu íntimo a música de suas vozes e o esplendor de seus olhos", sem dúvida é um pouco tropo para uma conversa entre Frédéric e Mme. Arnoux. Todavia, se, ao invés das personagens, fosse o próprio Flaubert quem falasse, não lhe teria ocorrido coisa muito melhor. Para exprimir numa forma que ele acha evidentemente encorajadora, "as mais perfeitas de suas obras o silêncio que reinava no castelo de Julião, diz ele: "ouvia-se o leve rumor de uma mantilha ou o eco de um suspiro". E, no final, quando aquele que conduz São Julião se transforma no Cristo, esse momento inefável é descrito pouco mais ou menos assim: "Seus olhos assumiram um brilho de estrelas, os cabelos alongaram-se como raios do sol, o halo de suas narinas tinha a doçura das rosas, etc.". Não há nada de mau, qualquer coisa disparatada, chocante ou ridícula, como numa descrição de Balzac ou de Renan; somente parece que mesmo sem a ajuda de Flaubert, um simples Frédéric Moreau quase teria podido imaginar aquilo. Enfim, a metáfora não é todo o estilo. E não é possível, a quem quer que seja que tenha subido um dia o esse grande Trottoir Roulant; que são as páginas de Flaubert, no desfile contínuo, monótono, sombrio, indefinido, deixar de reconhecer que elas não têm presença na literatura. Deixemos de lado já não digo as simples inadvertências, mas a correção gramatical; e uma qualidade útil porém negativa (um bom aluno, encarregado de rever as provas de Flaubert, foi capaz de corrigir nelas muitos erros). Em todo caso, há uma beleza gramatical (como há uma beleza moral, dramática, etc.), que não tem nada a ver com a correção. Uma beleza desse gênero é que Flaubert devia partilhar laboriosamente. Sem dúvida essa beleza podia muitas vezes depender da maneira de aplicar certas regras de sintaxe. E Flaubert arrebatava-se quando encontrava nos escritores do passado uma antecipação de Flaubert, em Montesquieu, por exemplo: Les vices d'Alexandre étaient extrêmes comme ces vertues; il était terrible dans la colère; elle le rendait cruel". Mas se Flaubert fazia suas delícias de tais frases não era evidentemente por causa da correção; mas porque, permitindo fazer brotar do coração de uma proposição o arco que não irá tomba sendo em pleno centro a proposição seguinte, elas asseguram a estreita, hermética continuidade do estilo. Para chegar a esse mesmo fim serve-se Flaubert muitas vezes das regras que comandam o emprego do pronome pessoal. Mas desde que não tem esse fim a atingir, as mesmas regras tornam-se-lhe completamente indiferentes. Assim, na segunda ou terceira página de Education Sentimentale, Flaubert emprega "il" para designar Frédéric Moreau quando esse pronome deveria aplicar-se ao tio de Frédéric e, quando ele deveria aplicar-se a Frédéric, para designar Arnoux. Não obstante, o "il" que se relaciona a crianças significativas pessoas, etc. Essas falhas contínuas são também frequentes em Saint-Simon. Mas nessa segunda página de Education, se se trata de estabelecer a comunicação entre dois parágrafos para que uma visão não seja interrompida, então o pronome pessoal, por assim dizer contrariamente, é empregado com um rigor gramatical,

pois que a ligação das partes do quadro, o ritmo regular particular a Flaubert, estão em jogo: "La colline qui suivait à droite le cours de la Seine s'abaissait, et il en surgit une autre, plus proche, sur la rive opposée."

Des arbres la couronnaient, etc."

A expressão de sua visão sem, no intervalo, um mar d'esprit ou um traço de sensibilidade, eis na verdade o que importa, cada vez mais, a Flaubert, a medida que liberta melhor a personalidade e se torna Flaubert. Em Madame Bovary tudo que não é ele está amado por ele mesmo; as últimas palavras: "Il vient de recevoir la croix d'honneur" lembram o final do Gendre de Monsieur Poirier: "Pais de France en 43". Mesmo em Education Sentimentale (título tão belo pela solidão, título que, aliás, contraria igualmente a Madame Bovary — mas que não é nada correto do ponto de vista gramatical) insinuam-se aqui e ali restos, conquanta mínimos, aquilo que não é Flaubert ("sa pauvre petite gorge"), etc. Não obstante isso, em Education Sentimentale a revolução se cumpre, aquilo que até Flaubert era ação, transforma-se em impressão. As coisas têm tanta vida quanto os homens, tanto que o raciocínio que posterior mente indica em todo fenômeno visual causas exteriores, mas na impressão primeira que recebemos esta causa não está implícita. Retomo a segunda página de Education Sentimentale o período a que já me referi: "La colline qui suivait à droite le cours de la Seine s'abaissait, et en surgit une autre, plus proche, sur la rive opposée". Jacques Blanche afirmou que na história da pintura, uma invenção, uma novidade muita vez se manifestam numa simples correlação de tom, em duas cores justapostas. O subjetivismo de Flaubert exprime-se por um emprego novo dos tempos dos verbos, das preposições, dos advérbios, os dois últimos não tendo quase nenhuma na frase sendo um valor rítmico.

Um estado que se prolonga é indicado pelo imperfeito. Toda a segunda página de Education (página tomada absolutamente ao acaso) é feita de

imperfeitos, salvo quando intervem uma mudança, uma ação, ação em que os protagonistas são geralmente coisas ("la colline s'abaissait", etc.). Instantaneamente o imperfeito reaparece: "Plus d'un envahit d'en être le propriétaire", etc. Porém muitos vêzes a passagem do imperfeito ao perfeito é indicada por um participio presente, que assinala a maneira pela qual a ação se produz, ou seja o momento em que ela se produz. Sempre a segunda página de Education: "Il contemplait des clochers, etc. e a seguir, Paris disparaissant, il portait un gros soupir". (O exemplo, de resto, é muito mal escolhido e não se encontra em Flaubert exemplos muito mais significativos.) Notemos de passagem que essa atitude das coisas, dos animais, desde que são o sujeito das frases (ao invés de serem os homens o sujeito), obriga a uma grande variedade de verbos. Tomo absolutamente ao acaso e resumindo bastante: "les hyènes marchaient derrière lui, le toureau balançait sa tête, tandis que la panthere bombant son dos avançait à pas de retour, etc. Le serpent sifflait, les bêtes puantes baillaient, le sanglier, etc. Pour attaque de sanglier il y avait quarante griffons, etc. Des matins de Barbarie... étaient destinés à pour suivre les ardeurs. Le robe noir et des épauvres laissaient comme du satin, le tapageant des talbots valait celui des bagles cartons, etc. E esta variedade de verbos empregados dos homens que, nesse caso, não tem a mesma homogeneidade, não são mais as coisas, e sim meios: "une illusion à décrire". Assim: "Il aurait voulu voir dans le désert après les antres d'Alcazar, caché dans les bambous à l'effort de léopard, traverser des forêts de rhinocéros, atteindre au sommet des monts pour viser les aigles et sur les glaciers de la mer combattre les ours blancs. Il se voyait, etc.". Esse eterno imperfeito, composto em parte com as palavras das personagens que Flaubert relaciona habitualmente em estilo indireto para que se confundam com o resto (L'Etat devait s'emparer de la Bourse. Vient d'autres mesures étaient

bonnes encore. Il fallait d'abord passer le niveau sur la tête des riches. Tout était tranquille maintenant. Il fallait que les nourrices et les accoucheuses fussent salariées par l'Etat. Dix-mille citoyens avec de bons fils pouvaient faire trambler l'Hotel de Ville... tudo isso não significa que Flaubert pense e afirme tais coisas, mas que Frédéric, a Vatnaz ou Sénécal o dizem e que Flaubert resolveu usar o menos possível as aspas; esse imperfeito, pois, tão novo na literatura, muda inteiramente o aspecto das coisas e dos seres, assim como uma lâmpada que mudamos de lugar, como a chegada a uma nova casa ou a antiga casa se esta se encontra quase vazia e estamos em plena mudança. É essa espécie de tristeza, feita da ruptura dos hábitos e da irrealdade da decoração, que produz o estilo de Flaubert, estilo tão novo, quando não fosse por nada, exatamente por isso. Esse imperfeito serve para relacionar não somente palavras, mas toda a vida das pessoas. Education Sentimentale é um longo relato de toda uma vida, sem que as personagens, por assim dizer, tomem parte ativa na ação. Por vêzes o perfeito interrompe o imperfeito, mas então se torna, como este, qualquer coisa de indefinido, que se prolonga: "Il voyagea. Il connut la mélancolie des paquebots, etc., il eut d'autres amours encore", e nesse caso, por uma espécie de repesamento, é o imperfeito que vem precisar um pouco: "mais la violence du premier lui rendait insipides". Algumas vêzes mesmo, no plano indefinido e sempre prolongado, o imperfeito opera uma retificação, projeta uma clareza jurídica de dia pleno que distingue das coisas que passam uma realidade mais durável: "ils habitaient le fond de la Bretagne... C'était une maison basse, avec un jardin monté jusqu'au haut de la colline, dont l'on découvrait la mer."

A conjunção "et" não tem absolutamente em Flaubert a finalidade que lhe reserva a gramática. Assinala uma pausa em uma medida rítmica e divide um quadro. De fato, onde quer

que se empregue "et", Flaubert o sempre. É o modelo e o corte de tantas frases admiráveis. "Et les Celtes regrettaient trois pierres brutes; sous un ciel pluvieux, dans un golfe rempli d'îlots; (Talvez sem, ao invés de remplit; cito de memória) "C'était à Megara, Jaubourg de Carthage, dans les jardins d'Hamlicar". "Le père et la mère de Julien habitaient un château, au milieu des bois, sur la pente d'une colline." Decerto a variedade de preposições acresce à beleza desses períodos tendentes. Porém em outros, de corte diferente, nada de "et". Já citei (por outros motivos) "Il voyagea, il connut la mélancolie des paquebots, les froids réveils sous la tente, l'étourdissement des paysages et des ruines, l'amertume des sympathies interrompues". Mas esse "et", o grande ritmo de Flaubert não o comporta. Em compensação, onde a ninguém ocorreria usá-lo, Flaubert o emprega. É como se indicasse que outra parte do quadro começa, que a ação que refuz de novo vai formar-se. Completamente ao acaso de uma memória que escolheu muito mal: "La place du Carrousel avait un aspect tranquille. L'Hotel de Nantes s'y dressait toujours solitairement; "et" les maisons par derrière, le dôme du Louvre en face, la longue galerie de bois, à droite, etc., étaient comme noyées dans la couleur grise de l'air, etc. tandis que, à l'autre bout de la place, etc." Resumindo, em Flaubert, "et" começa sempre uma oração secundária e quase nunca termina uma enumeração. (note-se, ao passar, que o "tandis que" do período que acabo de citar não assinala, é sempre assim em Flaubert, um tempo, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes, que todo mundo notará sem mim) não prova, ao que suponho, como pretende o crítico da Nouvelle Revue Française, que Flaubert, mas constitui um desses artificios bastante ingénus, empregados por todos os grandes descritivos cuja frase seria demasiado longa e que entretanto não querem separar as partes do quadro. Em Leconte de Lisle quem diz "non lola", dos "plus loin", dos "tu fond", dos "plus bas", dos "seul", etc. A aquisição muito lenta, quero ressaltar, de tantas particularidades gramaticais (falta-me espaço para indicar as mais importantes,